

A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE CARVALHO EM JATAÍ (GO)

Paulo de Alencar Monteiro Filho
Márcio Rodrigues Silva
William Ferreira da Silva
Roberta Costa Rocha



**A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE
CARVALHO EM JATAÍ (GO)**

**THE LANDSCAPE AS LEARNING SCENARIO: AN EXPERIENCE IN STATE
SCHOOL SERAFIM CARVALHO IN JATAÍ (GO)**

Paulo de Alencar Monteiro Filho – UFG – Jataí - Goiás - Brasil
paulo_dealencar@hotmail.com

Márcio Rodrigues Silva – UFG – Jataí - Goiás - Brasil
marcioufg@gmail.com

William Ferreira da Silva – UFG – Jataí - Goiás - Brasil
williamjatai@gmail.com

Roberta Costa Rocha – UFG – Jataí - Goiás - Brasil
robertacostarocha@hotmail.com

RESUMO:

A geografia, como outras ciências, utiliza-se de categorias para explicar a dinâmica construção socioespacial. Desde a afirmação da geografia enquanto ciência, algumas categorias mantiveram-se como base para as análises geográficas. Todavia, com o processo de evolução científico, alguns conceitos adquiriram novas abrangências e novos significados. Desta forma, o presente trabalho propõe-se a investigar o grau de assimilação da categoria paisagem como elemento de aprendizagem do espaço geográfico na Educação para Jovens e Adultos (EJA), nível médio, com a ambição de explicar como essa categoria torna-se um recurso teórico/metodológico para o ensino de geografia. A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Serafim de Carvalho, localizado no município de Jataí (GO) no ano de 2016, cujos dados primários foram obtidos por meio de questionários e observação em sala, e os dados secundários foram realizados por meio de levantamentos bibliográficos. Verificamos que é necessária uma mediação entre o conhecimento prévio e o conhecimento científico, é preciso trabalhar a realidade utilizando preferencialmente exemplos mais próximos do cotidiano dos alunos.

Palavras – chave: Escola; Ensino; Paisagem.

ABSTRACT:

Geography, like other sciences, is used categories to explain the dynamic socio-spatial construction. Since the affirmation of geography as a science, some categories remained as the basis for the geographic analysis. However, the process of scientific evolution, some concepts acquired new scopes and new meanings. Thus, this paper proposes to investigate the extent of landscape category of assimilation as a learning element of geographical space in Education for Youths and Adults (EJA), mid-level, with the ambition to explain how this category becomes a theoretical / methodological resource for the teaching of geography. The research was conducted in the State College Serafim de Carvalho, located in the municipality of Jataí (GO) in the year 2016, whose primary data were obtained through questionnaires and observation room, and secondary data was conducted through literature surveys. We found that a mediation between prior knowledge and scientific knowledge is required, it takes work to reality using preferably closest examples of students' everyday lives.

WordKey: School; Teaching; Landscape

INTRODUÇÃO

A geografia, enquanto ciência social tem como objetivo analisar o espaço construído na relação homem/natureza. Em um mundo atual, impulsionado pelo ritmo frenético imposto pelo capitalismo, em tempos de globalização, as transformações espaciais ocorrem em um ritmo alucinante, desta forma, compreender este processo torna-se essencial para interpretarmos as relações espaciais.

Assim, dentro dessa lógica do capital contemporâneo, a educação escolar, a partir do método de percepção/preparação de consciência social, deve instigar o aluno a interpretar a sua realidade, como destaca Cavalcanti (2002, p.12):

O trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da historia social.

Isso implica em métodos educativos, que promovam a capacidade do aluno de pensar e, assim se tornar agente transformador da sociedade. Kaercher (2003, p. 11) afirma que “a geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente. Devemos romper então com aquela visão de que geografia é algo que só veremos em salas de aulas de geografia”. Segundo Callai (2003, p. 58),

A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento.

A geografia escolar qual vem sendo alvo de crítica de especialistas se configura como uma disciplina conteudista, pautada em temas desconexos, para Brabant (2005, p. 15),

A geografia escolar, apesar de uma predisposição aparente a tratar do mundo que nos rodeia, acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração.

Nesse sentido, a geografia como disciplina escolar tem condições de ajudar o educando a desvendar o espaço em que vive, revelando a organização sistemática na qual os mesmos estão integrados, no entanto ela quase nunca é utilizada com essa finalidade. Vieira (2007, p. 12) afirma que,

O ensino de Geografia deve estar comprometido em proporcionar ao aluno o contato com um saber que realmente contribua para formar a sua criticidade sobre este tipo de sociedade. É preciso que essa disciplina contribua para formar indivíduos que sejam capazes de detectar as possibilidades históricas de superação das contradições sociais existentes em sua realidade e de impulsionar o processo de transformação social em direção a uma sociedade mais humana.

Callai (2003, p. 57), justifica o estudo da geografia por três concepções,

Primeiro: para conhecer o mundo e obter informações que há muito tempo é o motivo principal para estudar geografia. Segundo: podemos acrescentar que a geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem. Ao estudar certos tipos de organização do espaço, procura-se compreender as causas que deram origem às formas resultantes entre sociedade e natureza. Para entendê-las, faz-se necessário compreender como os homens se relacionam entre si. Terceira razão não é no conteúdo em si, mas num objetivo maior que dá conta de tudo o mais, qual seja, a formação do cidadão. Instrumentalizar o aluno, fornecer-lhe as condições para que seja realmente construída a sua cidadania é objetivo da escola, mas à geografia cabe um papel significativo nesse processo, pelos temas, pelos assuntos que trata.

Contudo, as reflexões atuais do ensino de geografia, põem à prova não somente a compreensão do aluno enquanto cidadão, mas também, a importância da ciência. Será que a educação geográfica oferecida possibilita a compreensão dos objetivos da geografia como disciplina escolar? Kaercher (2004, p. 8) aponta uma,

Dificuldade de se renovar as práticas pedagógicas, bem como de se construir um bom embasamento teórico que promova um ensino de Geografia atual, dinâmico, plural, instigante, reflexivo e radicalmente democrático.

A geografia, como outras ciências, construiu categorias para explicar uma dada realidade. Desde a afirmação da geografia enquanto ciência, algumas categorias se mantiveram como base para as análises geográficas. Todavia, com o processo de evolução científica, alguns conceitos adquiriram novas abrangências e novos significados.

(...) a geografia serve para situar o homem em suas múltiplas relações de interdependência com seu meio ambiente na terra que lhe dá um sentimento para a vida. (...) a geografia dá ao homem a medida que o tornará capaz de aplicar de modo libertador os conhecimentos teóricos de que ele dispõe (TEIXEIRA NETO, 2003, p. 1).

Assim como na ciência, o mundo sofreu contundentes alterações, modificando totalmente o cenário socioespacial. A escola como local de formação de cidadãos, deve trabalhar esta categoria, a fim de proporcionar ao aluno a capacidade de interpretação do espaço por meio da integração social.

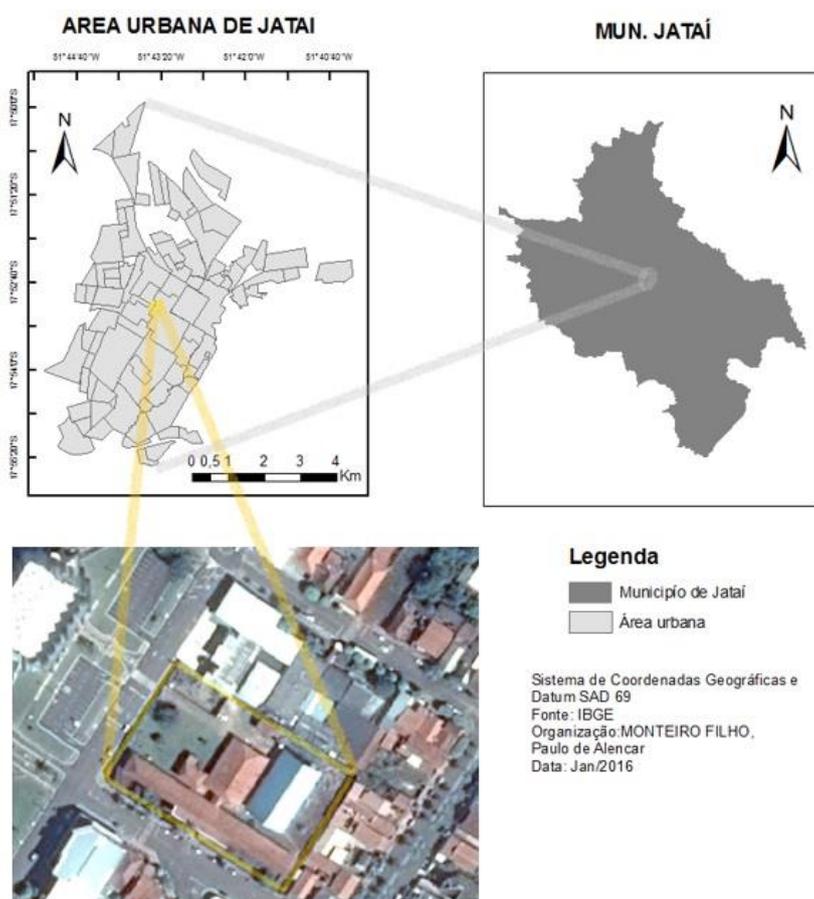
Todavia, a notória preocupação de se realizar um discurso crítico tão difundido nas universidades, muitas vezes não confabulam com as metodologias aplicadas nas salas de aulas da rede, que ainda se mostra carregada de elementos tradicionais, limitando-se a diferenciação do natural e artificial.

Face a esta ambiguidade, resolvemos investigar como os alunos do EJA ensino médio, assimilavam os conteúdos ministrados, partindo do entendimento que, a paisagem atribui significativas contribuições para a compreensão do espaço, tomamos a mesma como categoria de análise de conteúdos de geográficos.

Desta forma, o presente trabalho buscou compreender como a categoria paisagem tem sido assimilada como elemento de aprendizagem do espaço geográfico no ensino médio Educação para Jovens e Adultos (EJA), tendo como áreas de estudo o Colégio Estadual Serafim de Carvalho (Mapa 01), localizado no município de Jataí (GO).

A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE CARVALHO EM JATAÍ (GO)

Paulo de Alencar Monteiro Filho
Márcio Rodrigues Silva
William Ferreira da Silva
Roberta Costa Rocha



Mapa 01 - Colégio Estadual Serafim de Carvalho
Fonte: IBGE, 2016. Organização: autor

Para chegar aos resultados foram realizadas aplicações de questionários aos alunos da 1^a, 2^a e 3^a série do ensino médio EJA, contemplando o total de 70 estudantes, através destes foi possível verificar como estes alunos assimilavam nas aulas de Geografia, a categoria paisagem enquanto ferramenta de compreensão do espaço.

Concomitantemente foram realizadas revisões de bibliografias a cerca da categoria paisagem, a fim de dar sustentação teórica ao trabalho.

ENSINO: DISCURSOS E POSSIBILIDADES

As rupturas ocorridas ao longo dos tempos serviram para gerar diferentes linhas metodológicas, como: a geografia Pragmática, a geografia Radical ou Crítica,

A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
 UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE CARVALHO EM JATAÍ (GO)

Paulo de Alencar Monteiro Filho
 Márcio Rodrigues Silva
 William Ferreira da Silva
 Roberta Costa Rocha

etc. Propiciando formas de abordagens diferenciadas, promovendo debates e conflitos que, por conseguinte, proporciona avanços teóricos no âmbito da ciência.

De forma sucinta pode se verificar algumas fases da evolução das correntes do pensamento geográfico (Quadro 01).

CORRENTES		ÉPOCA/ LOCAL SURGIMENTO	PRINCIPAIS TEÓRICOS	CARACTERÍSTICAS
G E O T R A D I C I O N A L	Determinismo Ambiental	Final século XIX (Alemanha)	Frederic Ratzel	Condições naturais determinam o comportamento humano. (Espaço Vital)
	Possibilismo	Final do século XIX (França)	Vidal de La Blache	Natureza fornecedora de possibilidades para que o homem a modificasse (o homem é o principal agente geográfico)
	Método Regional	A partir dos anos 1940 (séc. XX) assume expressão (EUA)	Hartshorne	Integração entre fenômenos heterogêneos que apresentam um significado geográfico e contribuem p/a diferenciação de áreas
A M O V. R E N O V A Ç Ã O	Geografia Pragmática	Década de 1950 (séc. XX), simultaneamente na Suécia, Inglaterra e EUA.	Christaller Dematteis	Se associa à difusão do sistema de planejamento do estado capitalista. Tem o positivismo lógico como método de apreensão do real, a nova geografia busca leis ou regularidades empíricas sob a forma de padrões espaciais
	Geografia Crítica	Década de 1970 (séc. XX)	Yves Lacoste Milton Santos	Ruptura com o pensamento anterior (positivismo). Análise geográfica como um instrumento de libertação do homem (materialismo dialético)

Quadro 01 – Estruturação das correntes do pensamento Geográfico
 Fonte: MORAES (1983), org. Autor.

A paisagem assim como a geografia, recebeu acepções diferentes no decorrer dos anos, ponto de divergência interpretativa na relação homem natureza, conceitualmente sendo compreendida a partir do momento e conjuntura observada.

A rigor, não os orienta um conceito, mas, isso sim, um certo sentido de fundamento. Em Vidal de La Blache a paisagem é a permanência. Em Reclus é o fluir material do tempo. Em Brunhes, o cartográfico. Em George é a existência. Em Tricart é a escala. Em Hatshorne é a significância. Isso quer dizer que o conceito da paisagem se confunde com a perspectiva do olhar. E tem por referencia aquilo que nela e através dela se identifica (MOREIRA, 2008, p. 165).

A paisagem por muito tempo esteve associada à descrição das formas da superfície terrestre; vegetação, geomorfologia, rios, etc. À medida que o discurso humanista foi sendo incorporado na geografia, novas variáveis foram agregadas ao conceito, desta forma, forçando a proposição de novas teorias capazes de explicar o conceito de paisagem.

A geografia contemporânea resgata a criticidade que outrora se fazia ausente no pensamento geográfico. Neste sentido a geografia escolar assume importante papel nessa nova construção do saber, a missão de renovar as práticas pedagógicas se desvencilhando das raízes tradicionalistas.

Diante do exposto sobre uma perspectiva atual, cuja dialética homem x meio, parece cada vez mais coesa, devemos refletir se realmente a escola conseguiu renovar as práticas metodológicas possibilitando ao aluno um posicionamento crítico frente às relações sociais

A IMPORTÂNCIA DO SABER GEOGRÁFICO

Entender a conotação da ciência geográfica é, antes de tudo, refutar a ideia de que a geografia serve apenas para descrever eventos naturais e localizar lugares e regiões nos mapas. É realizar a leitura deste mundo alucinante. Aliás, ao embrenharmos na chamada terceira revolução industrial, foi aguçada a necessidade do saber geográfico enquanto ciência vista, as interpretações das informações disponibilizadas “imparcialmente” pela mídia.

A corrida capitalista de forma vertiginosa modificou a dinâmica da sociedade, modos de produção, cultura, expressões, vestimentas, símbolos, enfim, uma infinidade de aparatos são criados e (re)criados a todo instante, seguindo os interesses deste processo.

A organização espacial foi alterada, e com ela, os hábitos da sociedade, as informações são disseminadas de forma muito rápida, tudo isso cria um sentimento de homogeneidade, certamente infundada, visto que o sistema capitalista tem como único e exclusivo interesse, o acúmulo de capital. Essa realidade cria demandas para uma ciência capaz de dar visibilidade e entendimento a complexidade de processos que ocorrem simultaneamente no movimento de (re) construção espacial. A Geografia, por sua natureza e objeto, se mostra com potencial para atender essas

demandas. Para alcançar a sociedade de forma mais significativa, os alunos do ensino fundamental e médio devem ser direcionados de tal forma a desvendar a interação entre o espaço e a sociedade e desvelar os processos e meios de intervenção social nesse movimento.

Nas últimas décadas, muito tem se falado sobre a forma como vêm sendo trabalhado o ensino de geografia nas escolas. Diversos autores, como: Cavalcanti (2002, 2007), Callai (2003), Kaercher (2003, 2004 e 2007), Oliveira (2005), Vesentini (2007) e outros tantos, tem se esforçado em enfatizar a importância do saber geográfico. Considerando pertinente esta abordagem, pretendemos doravante discutir essa temática.

O ensino fundamental e médio está passando por uma ampla reformulação em diversas áreas, trata-se de um desafio estabelecer o papel da escola com vistas à cidadania, em tempos de globalização. Cada vez mais é exigida a qualificação e a atualização para o mercado de trabalho, não sendo suficientes as formações técnicas de outrora (VESENTINI, 2007).

As transformações contundentes na sociedade contemporânea vêm provocando reflexões sobre as categorias e conceitos da geografia. A nova dinâmica socioespacial tem obrigado a busca de novas conceituações de cunho explicativo, capazes de elucidar o espaço geográfico, principal objeto desta ciência (CAVALCANTI, 2007).

A final, cabe ao educador se ocupar em despertar as aptidões naturais de seus alunos e orientá-los segundo os padrões e ideias de determinada sociedade, aprimorando-lhes as faculdades intelectuais, físicas e morais, disponibilizando ferramentas para o crescimento do ser (MANUCCI, 2004, p.29)

Neste contexto, o ensino de geografia deve proporcionar a construção de sua identidade, provocar o entendimento do aluno como agente formador da sociedade, capaz de realizar a leitura do espaço e se posicionar eticamente de acordo com seus anseios de cidadão, respeitando as diferenças culturais políticas e religiosas (OLIVEIRA, 2005).

Assim, entendemos que o exercício de cidadania deve estar para além da alfabetização formal, do letramento, devendo propiciar ao cidadão a capacidade de interpretação da realidade a qual o indivíduo se integra.

Kaercher (2003, p. 12) pressupõe que:

A geografia é um ramo do conhecimento que, tal qual a matemática, a língua materna, a história, etc., tem uma linguagem específica, própria e como tal é necessário “alfabetizar o aluno em geografia” para que ele não só aproprie do vocabulário específico desta área de conhecimento, mas, sobretudo, se capacite para a “leitura-entendimento do espaço geográfico”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), voltado às ciências humanas e suas tecnologias no ensino médio, recomenda que:

Mais do que reproduzir dados, denominar classificações ou identificar símbolos, estar formado para a vida, num mundo como o atual, de tão rápidas transformações e de tão difíceis contradições, significa saber se informar, se comunicar, argumentar, compreender e agir, enfrentar problemas de qualquer natureza, participar socialmente, de forma prática e solidária, ser capaz de elaborar críticas ou propostas e, especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado (PCN, [s./a.], p. 9).

Analisando os aspectos observados acima, entendemos o quanto necessário é o saber geográfico, conforme salientado, dentre várias acepções tem o caráter inclusivo, por auxiliar o indivíduo a se instituir na sociedade, superando a arrogância imposta verticalmente por organismos econômicos e políticos, que limitam a autonomia do pensar.

Portanto, quando falamos do saber geográfico, nos referimos a uma ciência que abarca, sobretudo, as interações, consequências e perspectivas das configurações socioespaciais, logo, a geografia nos permite integrar esta imensa enciclopédia instável e fascinante chamada sociedade.

O DISTANCIAMENTO ENTRE O SABER CIENTIFICAMENTE PRODUZIDO NA UNIVERSIDADE E AQUELE QUE É ENSINADO NAS ESCOLAS

Existe diferença entre a geografia ministrada na universidade e a geografia praticada na escola? Durante o período de formação no curso de licenciatura em geografia pela Universidade Federal de Goiás, sobretudo, a partir do contato com as disciplinas de didática e estágio, está pergunta frequentemente ecoava na sala de aula sendo palco de calorosos debates.

Pois bem, muitas discussões, observações e orientações foram realizadas, sobretudo quanto a necessidade de promover mudanças capazes de auxiliar na

formação de cidadãos críticos, todavia, ao entrar em contato com a rede pública de ensino foi observado uma certa ambiguidade epistemológica da ciência.

Desde a reformulação do ensino médio no Brasil, estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, regulamentada em 1998 pelas Diretrizes do Conselho Nacional de Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, ouvimos falar de mudanças ocorridas no cenário educacional brasileiro, contudo, embora haja um esforço da universidade em formar profissionais preocupados em promover mudanças metodológicas no ensino, é impossível não se frustrar com a caótica rede de ensino pública, submergindo num pasmo sentimento de impotência.

Sem a intenção de generalizar e ainda entendendo ser necessário um estudo, mais ferrenho sobre o tema, intuíse que a prática educativa ainda permanece muito submissa a interesses políticos. A esse respeito, Gonçalves (1987, p. 11) afirma que:

Instituições são criadas para reproduzir a sociedade que as criou e a Escola não foge à regra. Desta forma, o aparelho estatal controla cada um de nós e sabemos disso, inclusive pela observação dos currículos escolares: há todo um sistema do controle para que se ensinem determinadas coisas; para que se passem determinados valores e, desta maneira, a Escola serve como instrumento de reprodução da sociedade.

Ressaltando, por conseguinte que não há aqui o interesse de “varrer a sujeira para baixo do tapete”, sabe-se que há a necessidade de melhorar as práticas de ensino, porém o resultado de uma melhora significativa passa pela conquista da autonomia da escola.

De fato o ensino de geografia apresenta certa deficiência na hora de articular os conteúdos programáticos com o cotidiano, a heterogeneidade deste processo faz com que a ciência, seja vista de forma abstrata. Neste sentido corroboramos com Kaercher (2007, p. 28) quando o mesmo afirma que:

O que predomina, hegemonicamente, na Geografia escolar é uma sucessão de informações sobre os lugares da Terra. Tudo cabe como sendo Geografia. Nós, de fato, falamos de tudo nas aulas, mas paradoxalmente, com muita pouca relação às categorias consideradas basilares à Geografia (espaço, território, região, paisagem, lugar, etc). [...] Parece que não carecemos justificar porque isso é Geografia, pelo simples fato de que falamos de lugares, de espaços.

Ora, a impressão que se tem é que na proposição de interpretar o mundo contemporâneo a geografia acaba por descrever algo surreal. Na visão de Gonçalves (1987, p. 10):

É preciso alargar a participação no debate do que se chama Geografia Crítica. Que criticidade é esta que continua sendo um discurso de poucos, muitas vezes hermético, que em vez de ampliar o espaço de reflexão continua limitado ao restrito espaço da Universidade?

A inquietação de relacionar o estudo transformador do espaço em teoria e prática torna mais urgente a busca dos estudiosos em construir uma teoria capaz de elucidar as implicações do âmago da ciência, o seu objeto de estudo, a explicação de fenômenos socioeconômicos e a organização espacial (MOREIRA, [s./a.]).

É necessário que a geografia possua um único discurso, seja na universidade, seja na rede pública, em outras palavras, se a ciência se propõe a realizar uma renovação, esta precisa abarcar todas as esferas, caso contrário, corre-se um sério risco das alterações permanecerem somente no campo das ideias, findadas em conceitos estereotipados.

Deve-se levar em consideração, o compromisso comum dos estabelecimentos de ensino para a investigação científica. Gonçalves (1987, p. 12) alerta que:

Devemos, pois, tomar cuidado com os valores que estamos passando para os nossos alunos: serão valores que afirmam uma sociedade contraditória, opressiva e desigual ou estamos preocupados com uma Escola que abra espaço para a justiça social e para a democracia?

Em síntese, acredita-se que a aproximação entre universidade e escola possa amenizar a sinuosidade do discurso, bem como estudar o que de fato provoca esta sensação de dualidade no ensino geográfico.

No caminho da análise dessa relação entre a Geografia escolar e a Geografia acadêmica algumas questões se tornam recorrentes. Trata-se somente de renovar as práticas metodológicas? Ou realmente a falta de autonomia da escola consiste no principal empecilho? São questionamentos que com certeza demandam maiores desdobramentos no campo da pesquisa.

Em suma, a questão é conseguir fazer a ciência geográfica, explicar de fato suas proposições, despertando o interesse, por exemplo, do cotidiano, promovendo

e disseminando conceitos capazes de fazer com que o indivíduo faça uma leitura do mundo e adquira a cidadania resguardada em nossa constituição.

A CATEGORIA PAISAGEM COMO ELEMENTO DE APRENDIZAGEM DE CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS

Objeto de estudo de ciências como: botânica, urbanismo e arquitetura a paisagem, entre os geógrafos, embora tenha apresentado alternâncias quanto a sua importância como categoria, sempre propiciou calorosos debates, muito pela caracterização entre paisagem artificial e paisagem natural, além das frequentes confusões deste conceito com a definição de espaço.

Para Santos (1988) a variedade de definições da palavra espaço e a utilização da mesma como substantivo, promove certa confusão na concepção geográfica, qual a palavra paisagem é usualmente mencionada para definir espaço.

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. Não há, na verdade, paisagem parada, inerte, e se usamos este conceito é apenas como recurso analítico. A paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não-materiais. A vida é sinônimo de relações sociais, e estas não são possíveis sem a materialidade, a qual fixa relações sociais do passado (SANTOS, 1988, p. 25).

Em contrapartida a paisagem é constituída e/ou moldada e um processo intenso, simultâneo provocado por particularidades sociais, econômicas, históricas, culturais, políticas da sociedade e acúmulo dos tempos.

Segundo Santos (1988), a paisagem pode ser representada por tudo aquilo que nos vemos, tudo o que nossa visão alcança, podendo ser definida como o domínio do visível, sendo formada também, por cores, movimentos, odores, sons, etc.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial (SANTOS, 1988, p.23).

Portanto, decifrar a paisagem na realidade trata-se de fazer a leitura das evidências impressas pela sociedade, por meio da porção visível. Todavia, interpreta-la requer o desenvolvimento de habilidades, capazes de nos revelar este emaranhado de sobreposições.

Considerando a categoria paisagem como carro chefe desta discussão, pretende-se abordar a importância de se estudá-la enquanto conteúdo geográfico, partindo do pressuposto de que a geografia nos auxilia a realizar uma interpretação mais aguçada da realidade por meio da compreensão da organização socioespacial, sua apropriação e consequências.

O processo de apropriação da natureza pelo homem, sobretudo após a primeira revolução industrial, resultou em intensas alterações na paisagem, bem como despertou a preocupação para a questão ambiental.

Nesta concepção, Santos (1988, p.68) contribui dizendo que: “A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas”.

Desta forma pode-se entender que a dinâmica de apropriação dos espaços conduzidos pelo homem, provocaram marcas que registram a complexidade pela quais fragmentos dos tempos, revelam a produção do arranjo espacial, alterando a paisagem seja de forma estrutural, seja de forma funcional.

As mutações da paisagem podem ser estruturais ou funcionais. Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes, graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano. Dentro da cidade e em razão da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas. A sociedade urbana é uma, mas se dá segundo formas-lugares diferentes. (SANTOS, 1988, p.69).

A paisagem pode ser percebida pelos sentidos e contém fragmentos do passado e do presente, elementos naturais e sociais. É uma imagem que de certa forma fala conosco e nos revela várias situações, vai além do visível, pois embora a paisagem nos remeta a uma visão estática, sabemos que o dinamismo das ações

sociais representam uma situação de momento, a qual constantemente se transforma tomando novas formas, contornos e funções.

O USO DA PAISAGEM COMO CATEGORIA, UMA VERIFICAÇÃO EMPÍRICA

Entendendo que a categoria paisagem pode ser uma poderosa ferramenta capaz de possibilitar o entendimento do espaço vivido pela sociedade contribuindo para a formação de cidadãos capazes de interagir nesse espaço, serão apresentados abaixo os resultados da pesquisa realizada.

Ressalta-se que os questionários foram aplicados de forma amostral, sendo que as informações adquiridas do professor e dos alunos estarão dispostas por figuras e/ou citações no corpo do texto.

No Gráfico 01, pode-se verificar a faixa etária dos alunos pesquisados. Para fins interpretativos de valores estatísticos dividimos as variáveis em três classes, sendo a primeira com alunos de idade entre 18 e 25 anos, correspondente a 56%, a segunda classe com alunos de idade entre 26 e 33 anos, que representaram 21%, e por ultimo os alunos com idade igual ou superior a 34 anos que somaram 23%.

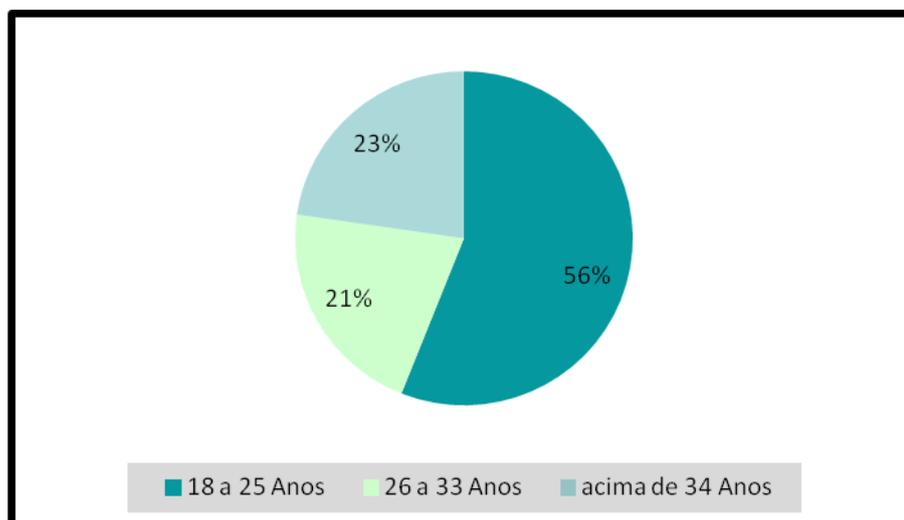


Gráfico 01 - Faixa etária dos alunos do ensino médio EJA - Colégio Estadual Serafim de Carvalho, Jataí – (GO).
Fonte: Autor, 2016

Ainda que estejamos tratando de EJA, chama a atenção o percentual de alunos com mais de 34 anos voltando a frequentar as salas de aula, sendo que 8% dos alunos pesquisados possuem idade superior a 42anos.

A exigência do mercado de trabalho torna-se cada vez mais acentuada, fazendo com que a constante busca por qualificação profissional torne-se quase obrigatória, num passado não tão distante o certificado de conclusão do ensino médio era a garantia de um bom serviço, hoje o mesmo certificado lhe permite concorrer a uma vaga.

Os lugares possuem um tempo próprio, todavia, estão submissos ao tempo do mundo, ou seja, o tempo de produção, que se relaciona com o espaço, especialmente com os indivíduos quantitativamente ou qualitativamente (SANTOS, 2002).

Passando para uma análise mais específica, trabalharemos a partir de agora com alguns questionamentos levantados junto aos alunos com vistas a entender ou nos direcionar para o viés tal qual a geografia tem sido entendida, particularmente no âmbito de nossa pesquisa, visto que durante o período de estágio observação, foi verificado que embora o professor se esforçasse em pregar uma geografia crítica, suas práticas metodológicas baseavam-se na geografia tradicional, surgindo a necessidade de verificação do aprendizado dos alunos.

Por tal razão solicitamos que fosse(m) assinalada(s) a(s) afirmação(ões) que demonstrassem a função de se estudar geografia, oferecendo como resposta as seguintes afirmações:

- A) () Compreender os mapas e as regiões do mundo.
- B) () Compreender a Terra e seus aspectos físicos; relevo, hidrografia, clima, etc.
- C) () Compreender a organização da sociedade e do espaço promovidas pela ação humana.
- D) Nenhuma opção.

Da questão acima verificou-se que 61% dos pesquisados assinalaram a letra “B”, 12% a letra “A” e 27% a letra “C”, 10% responderam mais de uma opção, logo observamos que 59% dos alunos relacionam a geografia a temas descritivos comumente trabalhados na geografia tradicional. No gráfico 02 pode-se comparar as respostas por séries.

A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE CARVALHO EM JATAÍ (GO)

Paulo de Alencar Monteiro Filho
Márcio Rodrigues Silva
William Ferreira da Silva
Roberta Costa Rocha

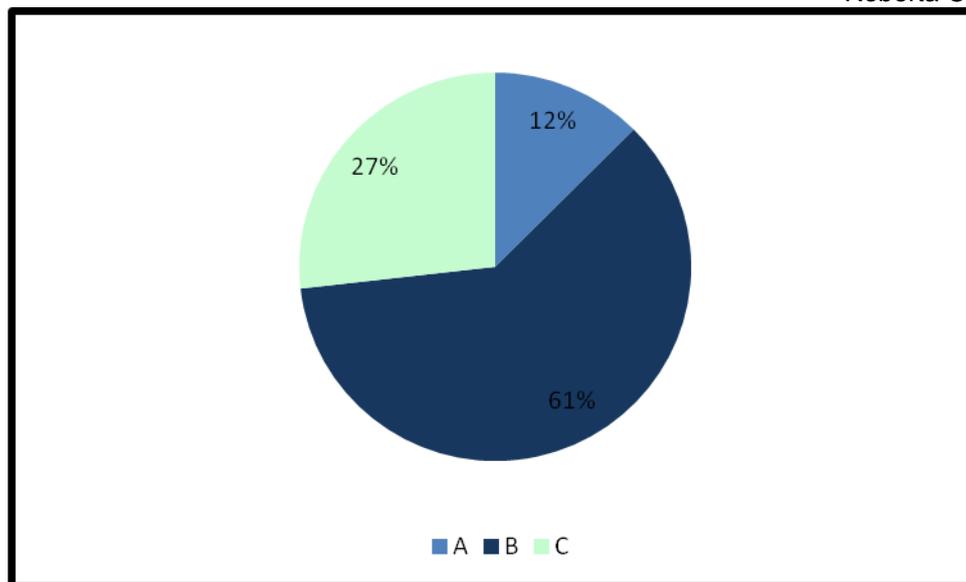


Gráfico 02 - A função do estudo de geografia ensino médio EJA - Colégio Estadual Serafim de Carvalho, Jataí – (GO).
Fonte: Autor, 2016.

O positivismo das análises dos fenômenos, o apego a velhas teorias, a superficialidade dos fundamentos filosóficos, faziam com que a geografia se afastasse das análises humanas, perdendo seu teor explicativo, ao passo que se tornava uma ciência enfadonha e presa as aparências, a despolitização da teoria em uma ciência social, contribuíram para a crise de renovação do pensamento geográfico. MORAES (1983).

O ensino de geografia ainda é muito tradicional e fragmentador da realidade, parecendo pouco interessante e pouco útil para seus alunos. Há quase uma ausência de assuntos ligados ao cotidiano e a temas políticos e econômicos, A geografia parece uma simples “descrição desinteressada do mundo”. O desinteresse/desestímulo do aluno é uma consequência a ser combatida pela pesquisa e pela pratica docente (KAERCHER, 1998, p.175).

A reflexão que fazemos ao analisarmos as informações do gráfico acima, é que os alunos do EJA do Colégio Serafim de Carvalho, ainda veem a geografia conforme preconizava a geografia tradicional, ou seja, voltada para conteúdos decorativos, descritivos e sem relação com as ações sociais.

A seguir, considerando a Geografia uma ciência fundamental para desenvolver a capacidade de observar, analisar e interpretar a realidade diante da dinamicidade das transformações socioespaciais, questionamos quanto à significância de se estudar geografia, (Gráfico 03).

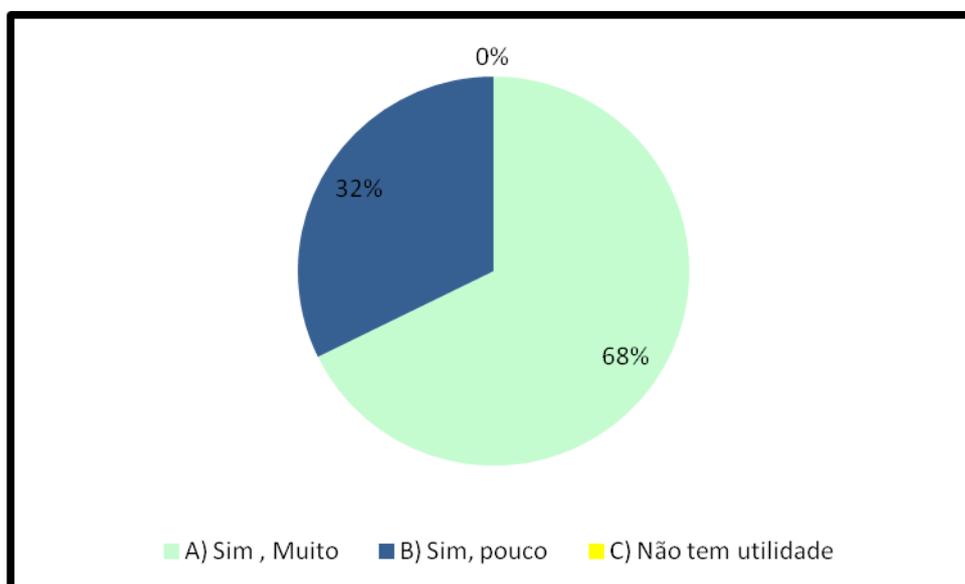


Gráfico 03 - Utilidade prática do estudo de geografia sob a perspectiva dos alunos ensino médio EJA - Colégio Estadual Serafim de Carvalho, Jataí (GO).
Fonte: Autor, 2016.

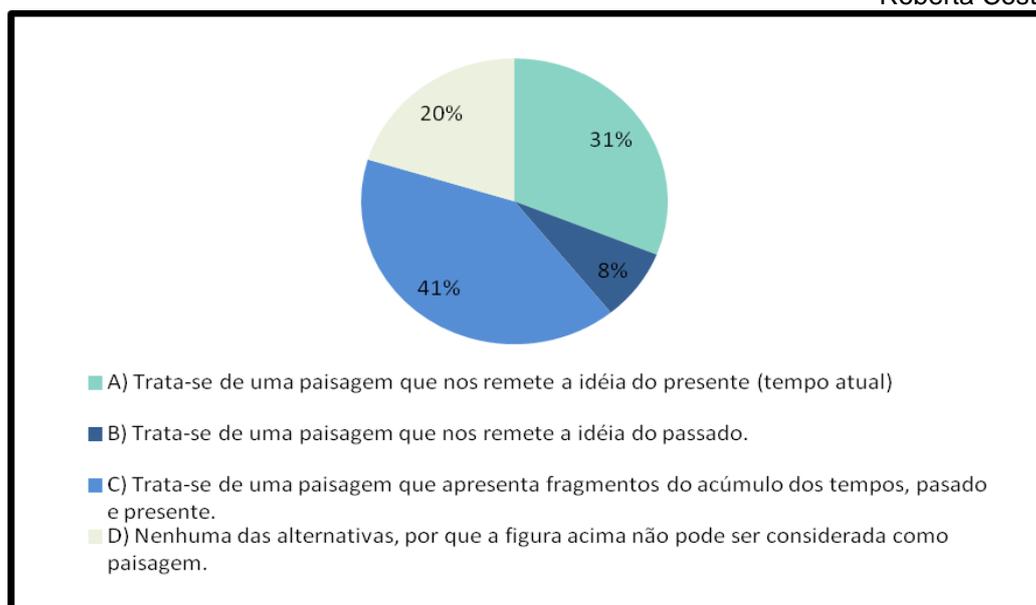
Foi verificado que 68% dos alunos responderam que a geografia possui uma utilidade prática em suas vidas, enquanto 32% declararam que a ciência tem pouca utilidade prática em suas vidas. Por meio destas informações podemos notar a falta de clareza por parte dos alunos, quanto à aplicabilidade da ciência geográfica, ora, cotidianamente vivenciamos a geografia, nossas vidas estão carregadas de conceitos geográficos, todavia, quando não há uma compreensão satisfatória sobre determinados conceitos, estes perdem o sentido e ao mesmo tempo sua importância.

Não se trata de fazer panorama da Terra e do homem, o aluno deve se ver dentro do que está sendo estudado, ele integra essa história e é sujeito desse processo, quando não consegue se perceber nesse meio, ele se sente deslocado, e a ciência perde o valor. O desafio é tornar a geografia interessante para o aluno buscando relacionar os conteúdos geográficos com a vida cotidiana, percebendo o espaço como cenário das interações humanas (CALLAI, 2003).

Na ocasião da aplicação do questionário aos alunos, foi apresentada uma fotografia do Centro Cultural Municipal (Foto 01), bem como informado sua localização e função antes da atual constituição. Foi solicitado que observassem a figura e assinalassem as proposições que correspondessem à leitura da mesma.

A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE CARVALHO EM JATAÍ (GO)

Paulo de Alencar Monteiro Filho
Márcio Rodrigues Silva
William Ferreira da Silva
Roberta Costa Rocha



Foto

01 –

Centro Cultural municipal, Jataí (GO).
Fonte: Agroecologia.tur.br, 2016.

As afirmações sugeridas para que os pesquisados assinalassem foram:

- A) () Trata –se de uma paisagem que nos remete a ideia do presente (tempo atual)
- B) () Trata-se de uma paisagem que nos remete ideia do passado.
- C) () Trata-se de uma imagem que apresenta fragmentos dos acúmulos dos tempos, passado e presente.
- D) () Nenhuma das alternativas, por que a figura acima não pode ser considerada como paisagem.

Observou-se que, 41% dos alunos entenderam a figura como possuidora de fragmentos dos acúmulos dos tempos passados e presente, 31% atribuíram-na a uma ideia do presente, enquanto 8% associaram-na a figura com o tempo pretérito, 20% consideraram que não se tratava de uma paisagem. Observe no Gráfico 04 os indicativos do questionamento acima.

Gráfico 04 - Interpretação de uma paisagem urbana ensino médio EJA - Colégio Estadual Serafim de Carvalho, Jataí (GO).
Fonte: Autor, 2016.

Embora a maior parte dos alunos tenham acertado a questão, a somatória das outras variáveis incorretas correspondem a 59% do total, ou seja, os alunos ao visualizarem uma paisagem, não conseguem realizar uma leitura mais aguçada das informações nelas agregada. Nas palavras de Kaercher (1998, p. 16):

A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE CARVALHO EM JATAÍ (GO)

Paulo de Alencar Monteiro Filho
Márcio Rodrigues Silva
William Ferreira da Silva
Roberta Costa Rocha

a geografia precisa procurar entender as paisagens não só pela aparência. Precisa desvendar os significados dos lugares. Os lugares apresentam uma hierarquia de valores e sensações, nem sempre democráticas ou agradáveis..

Outro fato observado é que 20% dos alunos não consideraram a figura apresentada como paisagem, o que nos causa uma preocupação ainda maior pois, além de não conseguirem realizar uma leitura, não estão sabendo o que de fato é uma paisagem.

As paisagens exprimem os reflexos do uso do espaço pelo homem por meio do visível, desta forma, compreender a paisagem é fundamental para acompanhar as transformações promovidas pelo homem. “As diferentes paisagens materializam/concretizam as desigualdades sociais [...]. grandes contrastes sociais levam a grandes contrastes geográficos Kaercher (1988, p. 21).”

A seguir colocamos duas fotos; a primeira sendo uma paisagem natural (Foto 02) e a segunda uma paisagem urbana (Foto 03) sob o seguinte questionamento: Qual(is) das figuras abaixo pode(m) ser considerada(s) Paisagem(ns)? Oferecendo-lhes como respostas as seguintes opções:

- a) Foto 02,
- B) Foto 03
- C) As duas fotos.



Foto 02 – Paisagem natural
Fonte: Wikitravel.org, 2016



Foto 03 – Paisagem urbana

Verificou-se como representado no Gráfico 05, que 51% dos alunos entenderam as duas figuras como paisagens, 46% reconheceram a paisagem

A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE CARVALHO EM JATAÍ (GO)

Paulo de Alencar Monteiro Filho
Márcio Rodrigues Silva
William Ferreira da Silva
Roberta Costa Rocha

natural como única, e 03% certificaram que a paisagem urbana corresponderia a resposta correta. Nesta

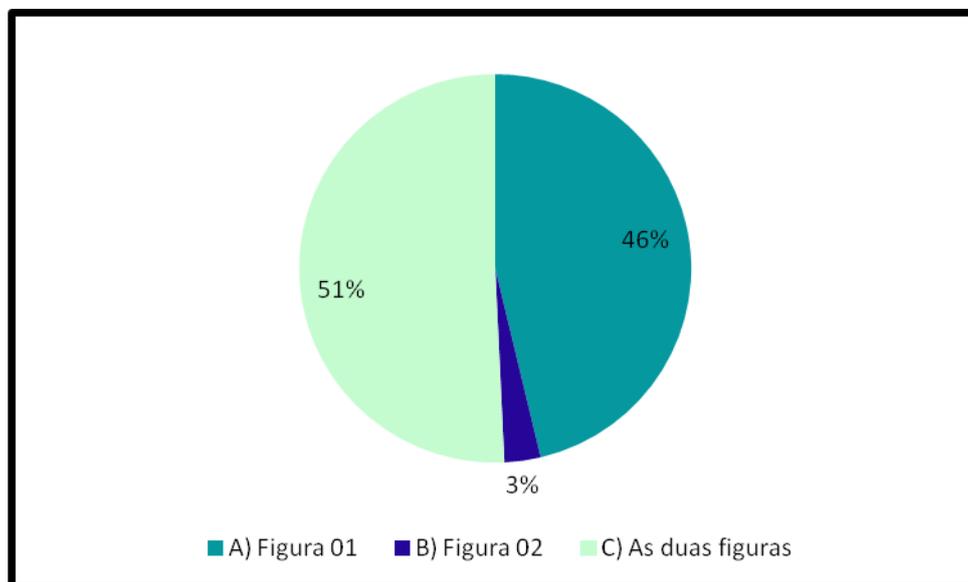


Gráfico 05 - Interpretação de uma paisagem urbana e de uma paisagem natural ensino médio EJA - Colégio Estadual Serafim de Carvalho, Jataí (GO).
Fonte: Autor, 2016.

Através destes questionamentos foi possível identificar que a maioria dos alunos percebe a paisagem como algo construído pela natureza, relacionado com o belo, com o deslumbramento, fascínio e desta forma não a compreendendo em sua plenitude.

A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais. Assim, pode-se falar, com toda legitimidade, de um funcionamento da paisagem, [...] paisagem supõe a inclusão de seu funcionamento no funcionamento global da sociedade. A paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado (SANTOS, 2002, p.107).

Para a geografia, a correta interpretação da paisagem enriquece a leitura que se faz dos lugares, em contrapartida sua incompreensão, reduz significativamente as possibilidades de utilização prática devido à ciência trabalhar com as interações socioespaciais, a ausência de um senso analítico mais aguçado, impede à extração dos elementos que tornam a paisagem uma ferramenta de análise geográfica, e conseqüentemente, limita o pensar social do espaço em sua volta.

Encerrando as questões, direcionadas aos alunos, solicitamos que os mesmos, produzissem uma frase explicando o que é paisagem. Segue abaixo algumas transcrições do que é paisagem sobre a perspectiva de alguns alunos do ensino médio EJA:

“Paisagens são vistas da natureza como montanha, selva, relevos” (INTERLOCUTOR A).

“Paisagem para mim é o que se pode olhar e admirar sem intervenção do homem” (INTERLOCUTOR B).

“Para mim paisagem é aquela onde a natureza o fez, não a do homem, aquela onde nos encontramos, onde olhamos e admiramos da vista” (INTERLOCUTOR C).

“Paisagem para mim é onde você possa ver algo muito lindo, como rios, árvores, passarinhos e outros tipos de coisas que não dá para ver com o desmatamento” (INTERLOCUTOR D).

“A natureza, ou seja, árvores, rios, florestas e etc” (INTERLOCUTOR E).

“A paisagem é relacionada a natureza” (INTERLOCUTOR F).

“Alguma coisa que a própria natureza fez” (INTERLOCUTOR G).

Ao analisarmos as frases acima, observamos dois fatores: o primeiro e a constante relação que os alunos fazem entre paisagem e natureza, e o segundo é a ausência teórica do que essencialmente constitui uma paisagem.

A paisagem dentro da perspectiva geográfica difere da concepção de paisagem de outras ciências, na geografia a paisagem não necessariamente esta ligada ao belo, despertando por muitas vezes, maior inquietação o estudo do diferente ou do destoante, por exemplo: ao analisarmos a segregação urbana, uma paisagem de uma favela pode ter mais contundência no ponto de vista de análise socioespacial, do que avista para o mar, compreendido na mesma paisagem.

A natureza em si é um componente da paisagem, todavia a paisagem não consiste em cenários admiráveis às nossas vistas, esta relação precisa ficar clara para os alunos, assim como a finalidade de estudar a paisagem em um contexto

geográfico, caso contrário as múltiplas acepções de paisagem pode confundir seu entendimento, por conseguinte incorrer em equívocos interpretativos quanto ao seu real conceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa despertou a necessidade de refletir sobre os conceitos desenvolvidos na geografia, e a importância de verificar como os temas transversais propostos pelos PCNs, são compreendidos pelos alunos. Foi observada certa confusão por parte dos alunos ao conceituar paisagem, que em muitos casos foi associada ao ambiente natural.

Ficou claro, a dificuldade que os alunos do ensino médio EJA do colégio Serafim de Carvalho tiveram ao conceituar a categoria paisagem em uma perspectiva geográfica, qual demonstraram confusão quanto à aplicabilidade do conceito, além de não conseguirem relacionar o tema com a função de se estudar a geografia.

Outro ponto levantado e discutido durante o trabalho foi à questão dos resquícios da geografia tradicional, presente na geografia escolar contemporânea, verificada por meio das respostas emitidas pelos alunos, quais qualificam a geografia como uma ciência voltada à descrição dos aspectos físicos da Terra, sem relacionar as ações humanas com a configuração espacial.

Entendemos que é necessária uma mediação entre o conhecimento prévio e o conhecimento científico, é preciso trabalhar a realidade mais próxima com exemplos mais claros. A paisagem requer uma verificação, caso contrário somente existirá no ideário dos alunos, ou seja, se tornará abstrato.

Sem a pretensão de diagnosticar a problemática verificada, mas, sim de contribuir na busca de uma possível solução, propomos aqui a realização de aulas campo com o objetivo de tornar possível a verificação/confrontação do trabalhado teórico.

O professor deve instigar o aluno a refletir sobre a realidade não se atendo apenas aos livros didáticos. Sabe-se que a problemática verificada requer um estudo mais apurado, todavia, com todas as dificuldades e adversidades encontradas nas

escolas do Brasil, dentro da esfera de competência, os professores o dever de no mínimo tentar encontrar medidas para amenizar os problemas de ensino no Brasil.

4. REFERÊNCIAS

BRABANT, Jean-Michel. Crise da geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de et. al. (orgs.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 2005. p. 15-22.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003. p.57 – 64.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 10 ed. São Paulo: Papyrus, 2007.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Reflexões sobre geografia e educação: notas de um debate. In: VESENTINI, José William. **O ensino da geografia em questão e outros temas.** São Paulo: Marco Zero. Terra Livre. 1987, p. 9-42.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, 2004, 363f.

_____. A geografia e o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (orgs). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003, p.11 – 21.

_____. A geografia escolar: gigante de pés de barro comendo pastel de vento num *fast food*? **Terra Livre.** Presidente Prudente. ano 23, v. 1, n. 28, 2007, p. 27-44.

_____. Desafios e utopias no ensino de geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (orgs). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998, p.173 – 186.

MANUCCI, Marco. Macroeducação. In: HAMMES, Valéria Sucena. (orgs) **Proposta metodológica de macroeducação.** São Paulo: Editora Globo, 2004, p. 29.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1983.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**, vol.1: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: contexto, 2008

_____. **A geografia serve para desvendar máscaras sociais.** [s./a.], 25p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de et. al. (orgs.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 2005.

PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ensino médio. A natureza do ensino médio e as reformas

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo. razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

TEIXEIRA NETO, Antônio. Para que serve a Geografia? In: **Jornal da Geografia.** Jataí(GO) n.1, 2003.

VESENTINI, José William. **O ensino de geografia no século XXI.** 3. Ed. São Paulo: Papirus, 2007.

VIEIRA, Noemia Ramos. **As questões das geografias do ensino superior e do ensino fundamental a partir da formação continuada do professor e das categorias lugar, paisagem, território e região:** um estudo da diretoria regional de ensino de Marília. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, 2007, 196f.

Paulo de Alencar Monteiro Filho - Possui graduação em Geografia e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás; é especialista em Micropolítica de Gestão e Trabalho em Saúde pelo Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal Fluminense. Atualmente atua como professor da rede pública, ministrando as disciplinas de Geografia, Sociologia e Filosofia. Possui experiência na área de Geografia Urbana e Geografia da Saúde.

Márcio Rodrigues Silva - Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2001), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2005) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2009). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Estudos Urbanos.

William Ferreira da Silva - Graduado (Licenciatura) e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí, Doutor em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Estudo Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás, Regional Goiânia. Professor do curso de Geografia na Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí, atuando principalmente na área de Geografia Humana. Desenvolve pesquisa sobre o setor sucroenergético no estado de Goiás.

Roberta Costa Rocha - Graduada em Geografia - Modalidade licenciatura pela Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí - Mestre em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí.

A PAISAGEM COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM:
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL SERAFIM DE CARVALHO EM JATAÍ (GO)

Paulo de Alencar Monteiro Filho

Márcio Rodrigues Silva

William Ferreira da Silva

Roberta Costa Rocha

Recebido para publicação em 24 de agosto de 2017.

Aceito para publicação em 24 de outubro de 2017.

Publicado em 18 de dezembro de 2017.